

Sarney governa com amigos

O presidente Sarney se acha determinado no propósito inflexível de fazer com que o presidencialismo seja vitorioso como forma de Governo nas decisões a serem em breve tomadas pela Constituinte. Esta opinião foi ouvida ontem por mais de um parlamentar que esteve com o chefe do Governo. Sarney, ainda de acordo com os mesmos depoimentos, não refluui ou revela vacilação na orientação que se traçou de só governar com seus amigos, não levando em consideração os partidos. Quem estiver com ele merecerá de sua parte e de seu Governo todas as considerações. Os demais serão tratados como oposição. Sarney parte da constatação naturalmente de que não conta com as lideranças formais dos partidos. Os senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, líderes do PMDB, e Carlos Chiarelli, líder da Frente Liberal, estão hoje na oposição.

No Governo são destacados como os ministros que operam perfeitamente afinados com o presidente Sarney, dentro da nova orientação por ele firmada, somente uns poucos: Prisco Viana, da Habitação; Hugo Napoleão, da Educação; Borges da Silveira, da Saúde, e Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações. Esses ministros, no âmbito das áreas em que operam, só estão atendendo

aos pleitos dos parlamentares que demonstraram espírito de lealdade política ao presidente da República. O mesmo tratamento está sendo dispensado aos prefeitos que procuram repartições oficiais, os quais só são atendidos quando contam com o respaldo de um parlamentar do bloco dos amigos do Presidente. Revela-se que o novo vice-presidente de operações da Caixa Econômica Federal, o ex-deputado Santos Filho, vem se revelando rigoroso no cumprimento dessas determinações. Ainda dentro desse mesmo comportamento político, foram substituídos ontem todos os diretores do Basa (Banco da Amazônia) e o delegado da Ceplac na Bahia, ao mesmo tempo que tomava posse o novo superintendente da Sudene, indicado pelo ministro Antônio Carlos Magalhães. A caneta do Presidente da República vai continuar a funcionar, advertem políticos ligados ao Planalto. Essa nova postura política por parte do Presidente estaria provocando um movimento de inquietação na Câmara e no Senado entre os que se sentem ameaçados com as novas instruções políticas que foram baixadas.

Ação de Maciel

O encontro anteontem em Brasília da alta direção do PFL, tendo à frente seu presidente, senador

Marco Maciel, com o ministro Aureliano Chaves, teve como objetivo tirar o partido da situação de marginalidade política em que se encontra. Alega-se ainda que era preciso não deixar o senador Marco Maciel na defensiva política em que estava, desde que foi alvo de pesadas críticas por parte do ex-ministro Raphael Magalhães. «Resolvemos tirar o Marco Maciel da toca em que se meteu», diz um dos seus melhores amigos no PFL. Ontem, em companhia de Aureliano, Maciel visitou Ulysses Guimarães em São Paulo. Nos próximos dias o presidente do PFL, dentro da mesma estratégia, tentaria encontrar-se com Leonel Brizola e com o deputado Luís Ignácio da Silva, o Lula, presidente do PT. Tão logo a Constituinte volte a se reunir, Maciel pretende frequentar com grande assiduidade o seu plenário, para ali coordenar as ações políticas do partido.

Eleições gerais

O deputado José Lourenço, líder do PFL, informa que a partir de agora vai defender com grande ênfase a tese das eleições gerais em 88, de vereador a Presidente da República. Adianta ter tomado conhecimento de pesquisa de opinião pública, onde 50% dos entrevistados consultados declararam que não repetiriam agora o voto dado em 86 na legenda do PMDB.

Ignácio Aragão